

Joyce McDougall: uma analista da contemporaneidade

Artigo

Ana Paula Terra Machado

Psicanalista, Membro Associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

Resumo: O Artigo apresenta as propostas teóricas de Joyce McDougall, destacando sua compreensão do destino do afeto nos fenômenos psicossomáticos, a partir do estado de privação psíquica. Aborda, ainda, seus conceitos de neossexualidade e neonecessidade.

Palavras-chave: Afeto. Neossexualidade. Psicossomática.

1 Introdução

A obra de Joyce McDougall aborda, em especial, a dimensão traumática da alteridade e da diferença sexual que atinge a própria identidade do indivíduo. Suas propostas teóricas sobre a expressão psíquica dos traumas precoces são uma importante fonte de estudo para os desafios que a clínica nos impõe cotidianamente.

Um dos traços marcantes nos seus textos é a forma como descreve o seu trabalho, expondo suas impressões, seus sentimentos contratransferenciais e mesmo relatando suas experiências pessoais, proporcionando uma leitura empática com suas ideias. Dotada de grande sensibilidade clínica, esboça suas reflexões e teorias numa linguagem clara e vívida, como a de quem tem o compromisso de se fazer entender pelo seu leitor.

Nascida em Dunedin, na Nova Zelândia, parece ter tido seu destino de psicanalista traçado desde muito cedo. Essa é a impressão que se tem quando, no primeiro capítulo de seu livro “Teatros do Corpo”, relata uma experiência de sua infância. Aos cinco anos, comenta com sua mãe que a

urticária que sempre lhe acometia na fazenda dos avós paternos, onde passava as férias, não era provocada pelo leite gordo das vacas Jersey, como todos imaginavam, mas por uma reação à ojeriza que sentia por sua despótica avó. Essa passagem infantil já revelava sua aguçada percepção que, posteriormente, seria instrumentalizada na sua clínica dos pacientes que apresentavam distúrbios psicossomáticos. Da ligação afetiva com o avô paterno, professor de belas artes, resultou seu interesse pela arte.

Anos mais tarde, ao ingressar na Faculdade de Artes e Ciências de Otago para estudar psicologia, frequentou também o clube de teatro como atriz e, principalmente, como diretora. Essa experiência pode ter contribuído para sua escolha da “metáfora do teatro” que ilustra seu pensamento clínico e teórico. Nessa mesma época, dedicou-se à leitura da obra de Freud e decidiu tornar-se psicanalista.

Em 1950, ao imigrar com o marido e os filhos para Londres, entrou em contato com Winnicott e Anna Freud a fim de iniciar sua formação psicanalítica. Ao ser recebida por Winnicott, foi convidada a participar de seu seminário. O estudo com ele teve influência decisiva em seu trabalho como analista. Também foi acolhida por Anna Freud, que a aceitou como aluna na clínica de Hampstead. Iniciou, a seguir, sua formação na Sociedade Britânica. Em tempos de rivalidade aguerrida na Instituição londrina, optou por um analista do “Middle Group”. Essa escolha implicou duas supervisões, uma com um annafreudiano e outra com um kleiniano.

Em função do trabalho de seu marido, mudou-se para Paris, interrompendo sua formação. Na travessia do Canal da Mancha, levou consigo uma carta de recomendação de Anna Freud para apresentar-se a Marie Bonaparte.

A chegada na França, em 1953, ocorreu num momento conturbado da Sociedade Psicanalítica de Paris, que culminou numa cisão e na fundação da Sociedade Francesa de Psicanálise. Optou por permanecer na Sociedade Psicanalítica de Paris, na qual concluiu sua formação e posteriormente ocupou diversas funções como membro titular.

Joyce McDougall é uma psicanalista reconhecida internacionalmente. Sua obra foi traduzida para mais de dez idiomas, sendo requisitada para con-

ferências em vários países, inclusive no Tibete, onde esteve a convite do Dalai Lama para explanar sobre a importância de Freud na cultura ocidental. No Brasil, onde esteve algumas vezes, seus trabalhos e artigos são fonte para o estudo da psicossomática e dos distúrbios da identidade sexual, tão frequentes na clínica da atualidade.

Sua primeira publicação, em 1960, em colaboração com Serge Lebovici, foi sobre a análise de um caso de psicose infantil. Esse livro, prefaciado por Winnicott na edição inglesa, já esboça a integração que propõe entre a “psicanálise francesa” e a “psicanálise anglo-saxônica”, possivelmente pelas próprias peculiaridades de sua formação. Em Londres, conviveu com os embates entre os seguidores de Klein e os adeptos de Anna Freud, encontrando em Winnicott o suporte teórico para as ideias que posteriormente desenvolveu. Na França, vivenciou as cisões, fez suas escolhas, mas manteve-se numa posição independente. Sem filiação a qualquer “escola”, adota uma postura não dogmática, com o pensamento livre para avaliar as teorias, sempre que estas não alcançam a complexidade que observa e vivencia com seus pacientes. Suas teorizações se orientam no sentido da complementaridade entre a influência do ambiente e das representações psíquicas, enfatizando a função paterna nesse contexto.

Utiliza a “metáfora do teatro” para expor suas ideias, considerando que cada indivíduo cria um teatro particular para exprimir as suas emoções e viver as suas fantasias. Essa ideia também é transposta para a cena psicanalítica que é, sobretudo, uma experiência da dupla, na qual analista e analisando representam seus papéis. A importância que concede aos sentimentos contratransferenciais é percebida ao longo de sua obra. Como uma espécie de fio condutor do trabalho analítico, a contratransferência é um instrumento fundamental na análise dos pacientes de estruturas não neuróticas. Enfatiza que as manifestações sintomáticas são a expressão de uma tentativa de autocura e visam salvaguardar a sobrevivência psíquica. Essa concepção sobre os dramas individuais evidencia sua disponibilidade interna para a escuta do sofrimento dos seus analisandos.

Dentre as suas contribuições teóricas, destaca-se a investigação dos fenômenos psicossomáticos. Instigada pelas somatizações de seus pacientes, procura entender a dinâmica subjacente a essas manifestações, que

impõem ao corpo arcar com as intensidades que não podem tramitar pelo psiquismo.

Em relação à economia afetiva, propõe um quarto destino para a transformação do afeto, além dos três descritos por Freud (conversão histérica, deslocamento para representações de qualidades diferentes, como na neurose obsessiva, e transformação direta em angústia, o que ocorre na neurose atual). Acrescenta a rejeição (*Verwerfung*), no sentido em que foi descrita em “As Neuropsicoses de Defesa” (1894), quando Freud refere: “Há, entretanto, uma espécie de defesa muito mais poderosa e bem-sucedida. Aqui, o ego rejeita a ideia incompatível juntamente com seu afeto e comporta-se como se a ideia jamais lhe tivesse ocorrido” (v. 3, p. 71). A rejeição incide não somente sobre a representação, mas também sobre o afeto ligado a ela. Essa acepção do termo rejeição foi nomeada por Lacan como *forclusão*, como um mecanismo característico das psicoses. McDougall observa, a partir de sua experiência clínica, que tal mecanismo pode gerar uma regressão a reações psicossomáticas. De acordo com essa ideia, o afeto ejetado para fora do psiquismo encontra no corpo a possibilidade de descarga.

Nesse sentido, as regressões psicossomáticas se aproximam da psicose no que se refere à intensidade da angústia. Propõe, então, o termo “psicose atual”, em analogia às neuroses atuais descritas por Freud. Ao abordarem esse tema, Peres e Santos (2010) salientam que, embora a psicose atual seja desencadeada por situações do presente, tem como fatores etiológicos os traumatismos precoces.

Embora haja essa ligação, pelo caráter da angústia, nos caminhos que vão determinar um desfecho na psicose ou nas psicossomatoses, devem ser considerados o papel simbólico da figura paterna e sua importância na constelação familiar.

Quanto à forma de pensar, nas alucinações e delírios das psicoses, as palavras têm a função de preencher um vazio aterrorizante, enquanto, nas somatizações, há um esvaziamento do conteúdo afetivo das palavras, tornando-as “desafetadas”. A desafetação tem como finalidade dispersar a angústia intolerável e ameaçadora. Essa defesa radical permite manter o equilíbrio interno, ainda que à custa de uma exclusão das vivências emocionais das situações enfrentadas pelo indivíduo. Essa forma de reagir leva o indivíduo a uma sobreadaptação às demandas da

vida cotidiana – as tarefas e o cumprimento das obrigações são executados com grande eficácia e sob a aparência de uma normalidade –, a que McDougall designou “normopata”.

Em princípio, todos têm um potencial somatizante que pode se manifestar em situações em que falham as defesas habituais diante do sofrimento psíquico. Entretanto, para determinados indivíduos, a somatização torna-se a via de descarga principal das intensidades que não podem ser expressas pelas palavras. Nessas circunstâncias, é o corpo que denuncia uma angústia indizível. Quando as palavras não cumprem sua função de ligação pulsional e as atividades mentais, como os sonhos, os devaneios e o pensamento reflexivo, não são possibilidades de alívio das tensões internas, configura-se o estado de privação psíquica.

Essa forma de funcionamento mental foi objeto de pesquisa na Escola de Psicossomática de Paris (liderada inicialmente por C. David, M. Fain, P. Marty e M. de M’Uzan). Seus estudos resultaram no importante conceito de pensamento operatório definido por Marty e M. de M’Uzan (1963) como modo de pensar sem associações, estreitamente ligado à materialidade dos fatos, carente de simbolização. O sujeito está presente, mas “vazio” (1994, p. 165-174). Esse pensamento, desvitalizado e pragmático, ocorre em função de um bloqueio na capacidade de representar ou elaborar as demandas pulsionais do corpo dirigidas ao psíquico.

Nesse mesmo campo de estudo, Nemiah e Syfenos, em Boston, postularam o conceito de alexitimia, descrito como a incapacidade de o indivíduo nomear os afetos correspondentes à situação vivenciada, acarretando uma indiscriminação dos estados afetivos (apud MCDUGALL, 1991).

Em relação a esses conceitos, McDougall enfatiza a ideia de que essas maneiras de pensar e de discriminar os afetos são defesas arcaicas contra uma angústia insuportável que ameaça a integridade psíquica. Ressalta ainda que, de acordo com sua experiência, muitos analisandos, apesar de apresentarem doenças psicossomáticas, não eram alexitímicos nem tinham uma forma de pensar operatória, vivenciando intensamente os conflitos de seu mundo interno. Nesses casos, considera a possibilidade de uma “histeria arcaica”, na qual os conflitos não dizem respeito à trama edípica, o que remete ao corpo erógeno, simbolizado, e configuram as interdições do desejo. A compreensão desse funcionamento psíquico está

ligada a vivências traumáticas dos períodos iniciais do desenvolvimento, anteriores à aquisição da palavra. O corpo todo sofre uma erotização primitiva para manter sua unidade diante dos temores de fragmentação interna.

Segundo McDougall, a fantasia que rege as primeiras trocas da mãe com o recém-nascido é a de um corpo para dois. Dessa fusão inicial com o corpo materno irá ocorrer, gradativamente, uma separação entre o próprio corpo e o mundo externo, representado inicialmente pelo seio materno. O movimento em direção à individualização será acompanhado de retornos ao estado de união, quando houver um aumento de tensão física ou psíquica. Cabe à mãe interpretar as demandas do seu bebê e proporcionar o alívio às tensões, assim como é da função materna possibilitar que o bebê possa adquirir a capacidade de separar-se dela. Esse duplo anseio da criança em ser ela própria e de poder fundir-se ao outro (mãe-universo) se encontra na origem da organização psíquica individual.

Apoiada nas ideias de Winnicott, considera a qualidade do vínculo dessa interação inicial mãe-bebê e a conseqüente interiorização desse ambiente maternal como determinantes para a constituição da identidade subjetiva. As falhas oriundas desse processo estruturante determinam carências precoces que vão interferir na capacidade de a criança reconhecer como lhe pertencendo o seu corpo, os seus sentimentos e até o seu próprio psiquismo. Esses déficits aumentam a vulnerabilidade aos transtornos psicossomáticos, às adições e aos comportamentos de ação.

Ao abordar as perversões, McDougall cunhou o termo neossexualidades para as expressões tanto homossexuais quanto heterossexuais da sexualidade infantil. Descreve essas sexualidades desviantes como verdadeiras invenções que giram em torno das fantasias da cena primária. A fixação nos aspectos pré-genitais é a solução encontrada diante de fragilidades narcísicas resultantes dos entraves no processo das internalizações, incorporações e identificações iniciais estruturantes do sentimento da identidade subjetiva e das identificações com a sexualidade e com os desejos eróticos inconscientes das figuras parentais – quando o falo não cumpre sua função de organizador da sexualidade. Nesse contexto dos desvios da sexualidade, restringe o uso do termo perversão aos relacionamentos quando o indivíduo impõe seus desejos sem o consentimento

do parceiro, ou seja, é o desprezo e a indiferença em relação ao desejo do outro o que configura uma perversão.

Nas neossexualidades, os roteiros são predominantemente autoeróticos e restringem a vida sexual do indivíduo. Porém, muitas vezes é a única forma encontrada para se obterem as satisfações libidinais que não podem ser alcançadas pela sexualidade genital. Amplia a ideia de neossexualidade com a noção de neonecessidades quando o objeto ou as práticas sexuais são utilizados como droga. A relação de dependência do objeto, marcada pela compulsão, denuncia o fracasso da internalização e integração das funções parentais protetoras e tranquilizadoras. Essa incapacidade interna de tolerar a angústia impõe a busca de um objeto externo para descarregar as tensões psíquicas. Esse objeto é, então, vivenciado como bom, na medida em que proporciona um alívio, ainda que fugaz, do estado afetivo gerador da tensão. O entendimento da percepção do objeto droga como bom, que auxilia o indivíduo a suportar as exigências da vida, levou Joyce McDougall a adotar a palavra *adição* na França. Em detrimento do termo *toxicomania*, que tem seu significado associado a envenenar-se, o termo *adição*, transposto do inglês, é hoje de uso corrente nos textos psicanalíticos franceses, bem como em nosso meio.

Compreende as *adições*, no seu amplo espectro, como uma tentativa de enfrentar angústias que podem ser de natureza neurótica ou de estados depressivos, sentimentos de vazio, ou ainda uma fuga diante de angústias psicóticas. Dessa forma, estão presentes em qualquer estrutura de funcionamento mental e se relacionam com determinadas etapas do desenvolvimento. A dimensão ocupada na economia psíquica do indivíduo e a escolha do objeto da *adição* são indicadores da extensão das falhas na constituição do *self* que esse objeto tenta, ilusoriamente, reparar.

Esse olhar sobre a condição humana e a compreensão de que qualquer manifestação sintomática é um ato criativo e, acima de tudo, uma tentativa de autocura, norteiam o trabalho de Joyce McDougall. No prefácio de seu livro “Em Defesa de uma Certa Anormalidade” (1983), essa ideia é ratificada quando refere: “[...] se a criança oculta no fundo de todo homem é causa de seu sofrimento psíquico, também é a fonte da arte e da poesia da existência”.

Joyce McDougall: a contemporary psychoanalyst

Abstract: The paper presents theoretical propositions of Joyce McDougall, concerning her comprehension about the affect on psychosomatic phenomena from a state of psychic privation. It also emphasizes her concepts about neo-sexuality and neoneeds.

Keywords: Affect. Neo-sexuality. Psychosomatics.

Joyce McDougall: una analista de la contemporaneidad

Resumen: El artículo presenta las proposiciones teóricas de Joyce McDougall, destacando su comprensión del destino de los afectos en los fenómenos psicossomáticos desde del estado de privación psíquica. Aborda aún sus conceptos de neo-sexualidad y neonecesidad.

Palabras clave: Afecto. Neosexualidad. Psicossomática.

Referências

- FREUD, S. (1894). As Neuropsicoses de Defesa. In: _____. **Obras Psicológicas Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v.3.
- MCDUGALL, J. **Em Defesa de Uma Certa Anormalidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- _____. **Conferências Brasileiras**. Rio de Janeiro: Xenon, 1987.
- _____. **Teatros do Eu**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- _____. **Teatros do Corpo**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- _____. **As Múltiplas Faces de Eros**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MARTY, P.; M'UZAN, M. de. O Pensamento Operatório. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 28, n. 1, p. 165-174, 1994.
- MENACHEM, R. **Joyce McDougall**. São Paulo: Via Lettera, 1999.
- PERES, R. S.; Santos, M. A. O Conceito de Psicose Atual na Psicossomática Psicanalítica de Joyce McDougall. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 44, n. 1, p. 99-108, 2010.